

**CONVIVER: SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NO PROCESSO DE
INCLUSÃO DOS MORADORES DA CIDADE TURÍSTICA, OURO PRETO
(MG)**

**CONVIVER: FEELING TO BELIEVE IN THE PROCESS OF INCLUSION OF
RESIDENTS IN THE TOURIST CITY, OURO PRETO (MG)**

Kerley dos Santos Alves*, Mariany Donato Bernardino

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

*E-mail do autor correspondente: kerley@ufop.edu.br

Resumo

Este artigo busca refletir sobre as ações desenvolvidas no projeto de extensão “Valorização e Capacitação de pessoas para o Turismo vivo”, vinculado a Universidade Federal de Ouro Preto por meio do pró-reitoria de extensão e do Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia. Ele propõe inserir, na atividade turística e cultural, pessoas em situação de vulnerabilidade social dos Centro de Referências em Assistência Social (CRAS) e Abrigos Institucionais de Ouro Preto, capacitando-os para geração de renda e incentivo a apropriação da cidade, por meio da interdisciplinaridade entre planejamento turístico, psicologia socioambiental, direitos humanos e participação popular. A metodologia utilizada foi a mescla de pesquisa bibliográfica, autogestão da economia solidária e análise qualitativa dos relatos acerca das percepções do grupo de participantes em uma das visitas técnicas-culturais realizadas. Os resultados apontam para a apropriação dos espaços culturais da cidade e aumento da autoestima dos participantes.

Palavras-chave: Turismo Vivo. Pertencimento. Ouro Preto. Inclusão. Extensão universitária

Abstract

This communication seeks to reflect on the actions developed in the extension project “Valuing and Training People for Live Tourism”, linked to the Federal University of Ouro Preto through university extension and the Department of Tourism of the School of Law, Tourism and Museology. It proposes to insert, in the tourist and cultural activity, people in a situation of social vulnerability in the Reference Center for Social Assistance (CRAS) and Institutional Shelters in Ouro Preto, enabling them to generate income and encourage the appropriation of it, through interdisciplinarity between tourism planning, social-environmental psychologies, human rights and popular participation. The methodology used was the mixture of bibliographic research, self-management of the solidarity economy and qualitative analysis of the reports

about the perceptions of the group of participants in one of the technical-cultural visits carried out. The results point to the appropriation of cultural spaces in the city and to increase the participants' self-esteem.

Keywords: Live Tourism. Belonging. Ouro Preto. Inclusion. University Extension

INTRODUÇÃO

O Turismo é um setor de trabalho intensivo e abrangente em termos de desenvolvimento de habilidades e competências, contemplando diferentes níveis de formação, partindo do mais simples para o mais complexo. Propicia o envolvimento de distintas camadas sociais. Dada sua inserção nos diferentes setores da economia, se desenvolvido com enfoque local, representa opção de melhora dos indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia). Assim, para proporcionar a interação e a transformação da realidade social, por meio da Extensão Universitária, o projeto de extensão “Valorização e Capacitação de pessoas para o Turismo vivo” abrange atividades culturais, sociais e econômicas, sem desconsiderar os valores das comunidades participantes. Essa abordagem deve propor uma escuta ética e, além disso, um entendimento para um turismo como atividade, aqui, conceituado como turismo vivo. De acordo com Alves (2019, p.35), turismo vivo é aquele que é, em princípio, teleologia, liberdade, criatividade e tem em consideração a realidade social e cultural de cada comunidade e sujeitos envolvidos na

atividade (turistas, moradores, trabalhadores).

Assim, as ações desenvolvidas no projeto Conviver deixam de ter caráter assistencialista e se transformam em socioeducativas, ao adotar estratégias para favorecer a inserção e permanência no mercado de trabalho as quais requerem, sobretudo, valorização das pessoas. Destarte CARVALHO et al. (2016), enfatiza a necessidade de uma política de valorização da extensão com ações, como, por exemplo, a maior divulgação da extensão e da sua importância para todos.

Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo discutir as ações do projeto Conviver, na perspectiva da apropriação local e inclusão da comunidade ouropretana, principalmente as parcelas que são em maioria atendidas pelos Centros de Referência da Assistência Social (CRA) do Padre Faria, Santa Rita de Ouro Preto, Alto da Cruz e São Cristóvão, todos localizados na cidade de Ouro Preto.

Para tanto, foram realizadas pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com a realização de entrevistas aos participantes do projeto e, posteriormente, foi realizada a análise qualitativa dos relatos, percepções e trabalhos desenvolvidos pelo grupo de participantes nas oficinas, palestras e visitas técnicas-culturais.

A importância da extensão universitária no processo de inclusão

A extensão universitária torna possível a interface social entre população e comunidade acadêmica, entre cidade e campus, que interfere no modo de agir e pensar daqueles que estão inseridos dentro e fora da universidade. Isso é possível uma vez que os membros da academia passam a trabalhar com conceitos sociais e a população começa a entender que ela também pertence ao meio universitário e deve apropriar-se dele em seu benefício.

Segundo Rocha (2001), o extensionismo originou-se na Universidade Medieval, quando estudantes irradiavam os conhecimentos para a sociedade por meio da participação em ações de assistência à população carente e de apresentações públicas sobre o aprendizado feito, por exemplo.

O primeiro registro de extensão em solo brasileiro se deu na Universidade Livre de São Paulo por volta de 1914 e 1917; porém, não se discutia temas relacionados a comunidade, o que não popularizou. Para tanto, em 1931 na legislação no Decreto-Lei n.19.851 de 1931, que estabelecia o Primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras formalizou-se o termo real da ideia da extensão (SOUSA, 2010).

Na década de 1970, o Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras – CRUB – elaborou as Diretrizes da Extensão Universitária, defendendo que a Universidade deveria ter interligadas as

suas funções de ensino, pesquisa e extensão. Em 1975, o MEC criou a Coordenação de Atividades de Extensão e elaborou o Plano de Trabalho Nacional de Extensão que assegurava a este Ministério a competência de propor a política de extensão brasileira (NOGUEIRA, 2001). A extensão começa a ter caráter de relevância no caminhar conjunto entre universidade e sociedade.

Em 1987, durante o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, elaborou-se um conceito de extensão universitária que deveria orientar a prática, especialmente, das universidades públicas.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (CORREA, 2007, p.15).

O curso de bacharel em Turismo no Brasil teve início no ano de 1970, sendo que nos anos seguintes houve aumento na procura por vagas, o que expandiu rapidamente o número de instituições brasileiras ofertando esse curso. Para tanto, aos poucos, um novo formato de curso foi adquirindo vazão, os tecnólogos, com duração reduzida e disciplinas mais condensadas (CARVALHO, 2008). A pesquisa em si, aos poucos, foi surgindo com a expansão dos cursos e a criação de pós-graduação. Revista de periódicos

contribuíram com o fortalecimento da área na academia. Segundo a dados do Forproex, a extensão no Turismo se descreve como:

Planejamento e implementação do turismo (ecológico, cultural, de lazer, de negócios, religioso, etc.) como setor gerador de emprego e renda; desenvolvimento de novas tecnologias para avaliações de potencial turístico; produção e divulgação de imagens em acordo com as especificidades culturais das populações locais (CORREA, 2007, p.45).

Percebe-se que, é de comum trato fazer valer a inclusão dos atores locais onde o fenômeno do turismo for estruturado. Principalmente tratando-se de universidade, que ainda carrega o estigma de detentora do saber, local que para alguns a entrada e permanência é inatingível.

Sendo assim, o projeto Conviver tem buscado em suas ações romper com esses paradigmas, por meio da apropriação dos espaços, a começar pela universidade nas atividades que ocorrem, semanalmente, no campus Ouro Preto, e trabalhos de campo em diferentes atrativos turísticos da cidade com vistas, também, ao desenvolvimento do sentimento de pertença.

A atividade turística e os sítios simbólicos de pertencimento

O sentimento de pertencimento está ligado com a construção da identidade coletiva e individual que adquirimos ao longo da vida, através de fatos que venham a ficar marcados na memória.

Zaoual (2006) discorre sobre economias locais ligadas ao Turismo, sendo assim, ele propôs do que chamou de teoria dos sítios simbólicos de pertencimento na formação e afirmação da identidade e na valorização do contexto social naquela localidade.

Deste modo, pressupõe que a partir desse novo olhar para o pertencimento e apropriação seja possível compreender as relações que se constroem nesses sítios, enxergar o homem como ele realmente se apresenta. A este respeito, ZAOUAL (2006, p. 6) diz que:

Como tentamos mostrar, um território, sendo um sítio, é povoado de sítios entrelaçados, únicos e assim por diante. Este processo se estende ao infinito e desvenda a grande relatividade de nossas representações e de nossas práticas, assim como a impotência das ciências compartimentadas da ideologia acadêmica, empobrecida pelo reducionismo.

Para melhor compreender tal teoria, devemos esclarecer as novas atribuições que o Turismo sofre constantemente ao longo dos anos, trata-se de um fenômeno mutável que sempre absorverá questões externas. O fenômeno que entendemos e estudamos hoje anseia por novas experiências. De acordo com Deprest (1997, p.64), o Turismo de massa não desperta mais o desejo em suas derivações, não possui mais prestígio como nos anos 1960 e 1970.

Nessa configuração, a relação entre o turista e o nativo era mais superficial e prática, havia entre eles uma mera troca mercantil onde a única preocupação da indústria do lazer era do valor injetado nas empresas indutoras.

O consumismo como consequência de uma revolução industrial se apropria do modo de como queremos possuir e usufruir das coisas. Com a demanda turística não é diferente, as necessidades finais da busca do lazer não correspondem mais às expectativas anteriores.

Relações sociais sofrem mudanças ao longo de suas necessidades de adequação. Com o Turismo não foi diferente, as viagens a princípio tinham propósito de uma contenção da realidade maçante, uma fuga do trabalho. Mas com as mudanças no comportamento e dinamismo na relação trabalho, consumo e ócio, esse fenômeno assumiu outra vertente, a oferta turística precisou inovar para atender às novas necessidades.

O turista almeja pela relevância de sua presença no sítio que ele, por livre escolha, decidiu situar. Ele deseja encontrar referências que o faça sentir parte daquele local; mesmo não sendo de lá, ele busca o pertencimento e aceitação. E em contrapartida, a comunidade local desse mesmo sítio já possui o sentimento intrínco de pertencimento ou ao menos, deveria possuir, já que eles contribuem diretamente na construção e planejamento do acontecer turístico. Ainda de acordo com ZAOUAL:

Se olharmos de perto, trata-se do desejo de um diálogo de sentidos entre os visitantes e os visitados, que procura abrir um caminho através dos escombros que o turismo de massa uniformizador deixa para trás. Aqui, o reconhecimento intercultural faz sua irrupção e se rebela contra as forças do mercado que invadiram o universo das viagens e da aventura. Elas constituem um produto padrão e organizado. Resumindo, a economia padrão do turismo impede o diálogo das culturas e o reduz, no máximo, a um folclore (ZAOUAL, 2006, p.4).

Essa relação gera um vínculo entre o turista e o nativo que o acolhe. Nessa relação há interesses pelas duas partes: há o desejo de ser bem acolhido e o desejo de ser reconhecido como parte fundamental naquela esfera particular, a singularidade está toda nessa correlação. O Turismo se redescobriu através de novos olhares e segmentos muito além de questões econômicas e do mercado que foram impostas. As relações que se criam através do acolher e ser hospitaleiro deu brechas para as possibilidades de novas áreas do Turismo, como exemplo o Turismo social.

Esta tipologia não limitativa aqui descrita é reveladora de uma mudança na antropologia do turismo. Ela exprime novas necessidades e novos valores, quanto a esta atividade econômica. Este turismo de variedade conhece um forte crescimento e traduz a multiplicidade que está no comando das novas dinâmicas turísticas (ZAOUAL, 2006, p.36).

Para identificar possíveis potenciais sítios turísticos há alguns fatores que devem ser observados naquela localidade como: Crenças, rituais, símbolos e principalmente a identidade e memória daqueles que contribuíram na construção das raízes que ali se firmaram, nada mais que se estudar o contexto formado.

O grande equívoco que ocasiona em revés seria o não cuidado para com essas questões, analisando apenas o lado tecnocrata das decisões que devem ser tomadas.

Políticas públicas nesse sentido devem ser cada vez mais reivindicadas, a população nativa que sofre as consequências de uma demanda turística má estruturada, onde não se analisa os atores em sua totalidade. Criam-se personagens principais e deixam de figuração aqueles que mais deveriam ser destacados.

O Turismo em suas nuances, sofre mudanças constantes. O fenômeno se orienta por contextos que se prendem em uma realidade econômica e mercadológica, mas também pelo contexto das necessidades humanas vigentes, uma coisa não onera a outra e juntas tentam preencher e dar contorno para o acontecer do setor.

A razão epistemológica fundamental é a crença no automatismo das leis do mercado e a concepção cega de que todas as sociedades humanas, pequenas ou grandes, funcionam sobre o mesmo registro que aquele de um modelo de desenvolvimento e de

evolução único para todos. A ciência, ainda dominante, mas em declínio intelectual irremediável, tem horror ao único e às variáveis incalculáveis, como os valores e as culturas dos atores presentes na situação. Ora, a experiência demonstra o contrário: a força da diversidade das situações (ZOAUL, 2006. p. 40).

O primordial na formação desses sítios como as crenças, rituais e símbolos não são levados em conta pela vertente econômica, essa última regida por métodos concretos.

Percebe-se a necessidade de um novo reconhecer pelo viés sociológico na tentativa de compreender melhor a formação de um Turismo democrático e inclusivo, não apenas por fatores monetários, mas em sua essência no ócio, na hospitalidade como dádiva, na descoberta de um novo habita. Uma imersão no saber valorizar o Turismo, o intercâmbio cultural que ele possa vir a proporcionar, além de toda nova percepção daquele sítio em contato, é uma nova realidade pós-turismo industrial. Abdicarmos das ideias do Turismo de massa em que as relações sociais não eram valorizadas, a troca não percebida e ir de encontro a uma nova e urgente vertente, um Turismo de experiência, inclusivo e autêntico.

Ouro Preto Turística Na Visão Dos Moradores Participantes Do Projeto

Durante o século XVIII no Brasil imperial, Ouro Preto foi palco de uma das maiores explorações minerais do mundo,

uma vez que tinha abundância de topázio imperial, bauxita, ouro preto entre outros minérios valiosos. Nesta época, a região enriqueceu a ponto de construir casarões luxuosos e igrejas com uma arquitetura barroca que utilizava materiais da região, como o ouro e a pedra sabão. Este foi atrativo suficiente para trazer imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo, e eles tinham um objetivo em comum: fazer fortuna ao trabalhar na mineração, conforme Bohrer (2019), em *“Evolução Urbana e Histórica da cidade de Ouro Preto”*.

Ainda segundo Bohrer, em decorrência da aglomeração de pessoas, vários arraiais foram constituídos, os maiores eram o do Antônio Dias e o do Ouro Podre, mas outras pequenas vilas os rodeavam com habitantes indígenas e homens de muitas posses com muitos escravos. A junção dessas comunidades deu origem à Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto.

É importante ressaltar que, passados mais de três séculos, Ouro Preto conserva muito da sua arquitetura colonial, com casas centenárias, igrejas que são símbolo da arte barroca e museus que carregam histórias da cidade, histórias que se confundem com a própria história do Brasil. O efeito disto, é a intensa atividade turística na cidade, que recebe visitantes de várias partes do mundo durante o ano todo.

No entanto, é de se surpreender que pessoas atravessem o mundo para conhecer a igreja de São Francisco, o museu da Inconfidência, a casa Gonzaga, a praça

Tiradentes, a Universidade Federal de Ouro Preto, entre outros espaços atrativos da cidade, enquanto os próprios habitantes não os conhecem e não sabem das suas histórias e particularidades, ainda mais quando os residentes da cidade têm entrada franca nos edifícios históricos. Isto acontece porque os ouro-pretanos, em sua maioria, não se sentem convidados a frequentar esses lugares ou até mesmo porque, ainda, não foi despertado o interesse pela história da sua cidade natal.

Fica subentendido que o centro histórico de Ouro Preto é local para turistas, dito que é uma área supervalorizada do setor imobiliário e comercial, com lojas e espaços *“gourmetzados”*, dos quais a população ouro-pretana em geral, que apresenta vulnerabilidade econômica, não tem condições de frequentar e consumir. Como consequência, temos implicações no âmbito social, porque os moradores não sentem que pertencem a essa realidade e deixam de conviver as experiências culturais que a cidade oferece.

O projeto *“Conviver: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”* surge com o intuito de incentivar os participantes a se apropriarem da cidade e da atividade turística com vistas ao conhecimento, apropriação local e, quiçá, geração de renda por meio da economia solidária. Logo, a equipe do projeto desenvolve uma gama de ações, dentre elas, palestras e visitas técnicas, que propiciam compartilhar as histórias e vivenciar Ouro Preto, para despertar neles o prazer de

conhecer e se apropriar da cidade, o que pode trazer à tona o sentimento de pertencimento.

Concomitantemente, são realizadas oficinas variadas, em especial com o enfoque no artesanato e gastronomia local. Entretanto, não é objetivo das oficinas gerar uma produção sistematizada, pelo contrário, espera-se que os participantes produzam comida típica da região e dos antepassados e manufaturem artefatos com obra prima local, com significado e memória afetiva, para que sejam gerados produtos autênticos. Tais ações são sustentadas nos princípios da economia solidária, em que o objetivo final não é apenas lucrar, mas obter melhorias sociais, elevar a autoestima dos participantes e criar vínculos.

Os participantes do conviver

O projeto tem como público alvo pessoas de todas as idades, que de algum modo estejam vivendo em situação de vulnerabilidade social, indicadas pelos CRAS-Ouro Preto e Casa Lar. Para que houvesse alinhamento entre a Universidade, prefeitura e comunidade foi necessária uma sistematização entre a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania, o Centro de Referência de Assistência Social e na segunda etapa do projeto tivemos o apoio da Secretaria Municipal, Turismo, Indústria e Comércio. Dentre as atribuições, destaca-se: Executar a política municipal do Desenvolvimento Social, de Assistência Social e Cidadania; Articular-se com entidades ligadas ao setor

no Município; Desenvolver programas e projetos de cunho social que visem melhorias no tocante à habitação, à infância e adolescência, à geração de emprego e renda, aos portadores de necessidades especiais, aos idosos e à mulher; incentivar a prática da cidadania através de intensa articulação com ONGs, escolas, igrejas e outras organizações da sociedade civil, entre outras atividades.

Relatos acerca das experiências no conviver

Despertar no participante a criatividade produtiva para gerar renda utilizando recursos das inúmeras atrações turísticas da cidade, só é viável a partir do momento que ele conhece o meio em que está inserido, suas origens e tem orgulho disto. Denomina-se sentimento de pertencimento, cujo foi identificado como incomum entre os ouro-pretanos participantes do projeto. Segundo SILVA (2013) a identidade e o sentimento de pertença de um lugar significam procurar compreender o entrelaçar das falas e conceitos que dão forma aos espaços. Os significados, os sentidos e os valores atribuídos a um espaço, e que constituem sua identidade e pertencimento são elaborados e reelaborados a cada momento. Considerando que a maioria dos participantes nunca havia visitados os principais atrativos turísticos de Ouro Preto, marcos da arquitetura barroca, mundialmente reconhecidos. Foram propostas atividades com o objetivo de

inserção na vertente turística da cidade. Também foram realizadas rodas de conversa com o tema “*Desvendar a História de Ouro Preto*” sob a condução da historiadora Cláudia Coimbra do Espírito Santo. Logo após, foram realizadas duas visitas técnicas: uma visita guiada ao museu de Mineralogia de Ouro Preto, antiga Escola de Minas e a outra trata-se de um *city tour* no ônibus panorâmico (Figura 1) do roteiro intitulado *City’s Eyes*, que tem como suporte a narração de fatos históricos, causos e lendas da cidade durante o percurso nos bairros da cidade. Ambas implicaram em experiências marcantes para todos os envolvidos observadas em depoimentos de alguns deles.

“É minha primeira vez no museu, foi uma bela experiência conhecer esse lugar incrível!” (Yhasmin Yonara, 20 anos, residente do distrito Santa Rita).

“ É a primeira vez que participo do projeto Conviver, e sobre a visita guiada, gostei bastante, apesar de já ter vindo, e indico para todos que venham conhecer o museu de mineralogia. ” (Bruno Milagres, 18 anos, residente do distrito Santa Rita).

“A visita foi maravilhosa, nunca tinha vindo. A biblioteca de obras raras é muito interessante.” (Nelma Rodrigues de Oliveira, 61 anos, residente do bairro Novo Horizonte).

Foi minha primeira vez no museu. Amei, foi muito interessante, vi muitas pedras que eu não conhecia, foi muita novidade para mim. (Andréa Brígida Campus Pinheiro, 35 anos, residente do distrito de Santa Rita).

“A visita ao museu foi muito interessante, eu já tinha vindo só para conhecer o espaço, mas nunca com uma visita guiada explicando a história, hoje foi mais interessante.” (Gláucia Santa Cruz, 37 anos, residente da Vila São José).

“É minha primeira vez no museu de mineralogia, gostei muito dessa experiência nova, achei muito importante conhecer. E foi muito interessante conhecer as pedras do acervo.” (Andréia Souza Alvarenga, 20 anos, residente do distrito de Santa Rita de Ouro Preto).

Os fragmentos evidenciam o prazer da descoberta, de uma nova experiência na cidade. Ter a oportunidade de adentrar e conhecer locais, o patrimônio, a história da cidade que, prioritariamente, são representados como “lugares para turistas”. Segundo Castrogiovanni (2001), a cidade é uma construção física e imaginária, compreende um lugar e faz parte do todo geográfico.

O tecido urbano é dinâmico e está inserido no processo histórico de uma sociedade. [...] A cada instante, há mais do que os olhos podem ver, do que o olfato pode sentir ou do que os ouvidos podem escutar. Cada

momento é repleto de sentimentos e associações. A cidade é o que é visto, mas mais ainda, o que pode ser sentido (CASTROGIOVANNI 2001, p. 24).

Assim, por meio dos relatos foi possível inferir que os participantes do Conviver vivenciaram uma experiência turística na própria cidade:

“Se sentir turista na cidade da gente é uma honra porque a gente sabe um pouquinho da história da cidade e quando nos tornamos turistas, a gente descobre mais porque tem mais tempo de observar os detalhes e aprende a dar mais valor à terra da gente. Amei o passeio” (Maria das Mercês dos Santos, 61 anos, moradora do bairro Alto da Cruz).

“Estou me sentindo uma verdadeira turista em Ouro Preto. Coisas que eu não conhecia, hoje eu passei a conhecer, em todo tempo que eu já vivi aqui, eu nunca tive essa oportunidade, hoje estou realizando o sonho de ser turista na cidade.” (Maria Helena Xavier, 55 anos, moradora do bairro Alto da Cruz).

“É muito bom me sentir turista na minha própria cidade. Eu aprendi muitas coisas que eu não sabia, achei tudo muito bonito, muito bacana mesmo.” (Maria Auxiliadora, 66 anos, moradora do bairro Alto da Cruz).



Figura 1: Participantes do Projeto Conviver ao conhecer o mirante da UFOP durante o *tour* no ônibus panorâmico.

Fonte: Dados do Projeto, 2019.

A extensão universitária, foi imprescindível para estimular os participantes a apropriação da cidade e, conseqüentemente, ao sentimento de pertença. Desde 2017, desenvolve atividades e trabalhou durante o primeiro semestre de 2019 com o enfoque na história regional como forma de construir um conhecimento histórico capaz de alicerçar o interesse pela história local, pela comunidade, pelos lugares de vivência dos participantes, por meio das percepções e experiências espaciais, compreendidas através da subjetividade e da cultura.

“Sobre o projeto, eu achei muito interessante poder ter outros olhares, dentro da perspectiva de onde a gente passa todos os dias sem perceber detalhes que são muito importantes e descobrir histórias que a gente não tem nem noção que aconteceram. Pois, devido ao cotidiano e da correria, a gente não dá importância e valoriza essa cidade tão preciosa que

a gente mora. Além disso, foi importante todo o convívio social e perceber que além de mim, outras pessoas não têm essa percepção sobre nossa cidade centenária” (Pedro, morador do bairro Antônio Dias).

Os fragmentos apresentados possibilitam a constatação de que os Ouro-pretanos, participantes do projeto, não conhecem ou atrativos turísticos e culturais da cidade. Em contrapontos, também, demonstram o discurso de pertencimento, sentimento em relação a cidade e ao Patrimônio. Nesse sentido, a sociabilidade é ressaltada nos encontros promovidos, semanalmente. É a forma de conviver diante das idiosincrasias porque é propriamente o modo pelo qual as pessoas experenciam os lugares, a mútua companhia, as formas de apropriação da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Conviver, obteve êxito em sua primeira fase do ano de 2019, já que após trabalhar a história local de forma envolvente, segundo os testemunhos, os participantes passaram a apresentar o sentimento de pertencimento pela cidade histórica, turística e universitária que é Ouro Preto.

Proveniente disso, passaram a aplicar peculiaridades ouro-pretanas nas oficinas de culinária e artesanato. Como por exemplo, compartilhar o conhecimento popular da existência e preparo de plantas da região com propriedades medicinais e dado às

crenças católicas dos ouro-pretanos, na oficina de artesanato com feltro fizeram terços da misericórdia.

E mais, para surpresa da coordenação do Conviver, os participantes se apropriaram também do projeto, pois estavam se sentindo à vontade o suficiente para solicitar o uso do nome social e de trazer amigos e vizinhos para as oficinas, isto é, a recomendação verbal fez aumentar o alcance do trabalho de extensão do Conviver.

Porém, para além de uma possível nova fonte de renda, houve valorização pessoal e resgate da autoestima dos participantes. O turismo enquanto fator transformador quando tratado pelo viés social, corrobora como ferramenta de inclusão no sentido de pertencimento, identidade, memória coletiva e individual e cria novas expectativas sobre o fenômeno, não apenas por fatores mercadológicos, mas pelo lado da promoção humana.

A universidade abriu suas portas para acolher a comunidade através desse projeto de extensão. A extensão universitária em conjunto com o voluntariado no turismo, merece maior aprofundamento por sua relevância e impacto na vida das pessoas que deles se beneficiam. Estimular o desenvolvimento social e a inclusão deveria ocorrer em todas as áreas da academia, a universidade deve tornar o espaço público de fato, democrático de acesso irrestrito para toda população.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Kerley dos Santos. **Turismo e gestão social para o desenvolvimento local: interesses hegemônicos e contra hegemônicos**. 2019. Relatório de Estágio pós doutoral. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal, 2019.
- BOHRER, Alex. Origens. **Prefeitura de Ouro Preto**, 2019. Disponível em <<http://www.ouopreto.mg.gov.br/historia>>. Acesso em 04 de julho de 2019.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DEPREST, Florence. **Inquérito sobre o Turismo de Massa: a ecologia face ao território**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- CARVALHO, Mariana Aldrigui. Os números do ensino superior em turismo e hospitalidade no Brasil–2001 a 2006. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte, 2008.
- CARVALHO Nathália L. N., NOGUEIRA Francielle C., PEREIRA Carlos A. A extensão na Universidade Federal de Ouro Preto. **Alemur**, v.1, n.1, p.40-45, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/alemur/article/view/307>. Acesso em 27 jun. 2019.
- CORREA, Edison J. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: **Extensão Universitária: organização e sistematização**. Coopmed, 2007.
- SOUSA, Mauro Wilton. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v.37, n.34, p.31-52. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2010.68112. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/68112>. Acesso em 12 mai 2019.
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. (Org.). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas: documentos básicos do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2001.
- ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. A construção do conceito de extensão universitária na América Latina. In: FARIA, Dóris Santos de (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- SILVA, Nascimento. Identidade, pertencimento e sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. **Revista Iluminuras**, v.14, n.34, p.194-210, 2013. DOI: 10.22456/1984-1191.44388. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/44388>. Acesso em: 25 jun 2019.
- ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França/COOPE/UFRJ, 2006. (Tradução de Nouvelle économie des initiatives locales).